

Redacção, Administração e Propriedade
CASA DO GAIATO—PAÇO DE SOUSA—Tel 5-Cete

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO—PAÇO DE SOUSA

Vales de Correo para
PAÇO DE SOUSA



Visado pelo
Luzimado de Coimbra

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII * N.º 307 * PREÇO 1\$00

Indústrias Caseiras

Diante da miséria, há só duas atitudes possíveis: cruzar os braços e deixar os problemas dos outros para os outros; ou inquietar-se, fazer suas as dores dos irmãos e agir. Compadecer-se perante a miséria sem procurar remediá-la, é sinal de impossibilidade ou egoísmo. E onde o egoísmo, ninguém pense em dar-se ao seu irmão, por amor de Cristo. Não se vive a fraternidade da caridade. Não se ama. A caridade de Cristo não compele a agir. Não sentimos já o fogo? Sinal de morte! «Mas que tenho eu que ver com os outros?» Vem de longe esta frase fratricida. Os direitos de autor são de Caím. «Sou eu, acaso, o guarda de meu irmão?» — respondeu a Deus, com as mãos ainda quentes do sangue de Abel. Sou eu, acaso, o guarda... Sim, és o guarda, o samaritano do desgraçado, teu irmão, menos inteligente menos favorecido, mais vergado que tu, sob a pesada cruz. E, se não pensas nele, como em ti, e se não lhe dá uma ajuda substancial, o seu sangue clamará vingança contra ti no Tribunal do Juiz Supremo. «Caim, onde está teu irmão?»

Para curar um mal, urge ir às suas causas. A caridade tem de ser inteligente, sob pena de se diminuir. Dar, dar, dar, não é resolver a miséria. Pode, até, criar-lhe um ambiente de vida. Dar dinheiro. Dar agasalhos. Dar alimentos... Porque estes se comeram e os agasalhos se romperam e o dinheiro se gastou, o miserável continua na mesma miséria, a pedir mais alimentos, mais agasalhos, mais dinheiro... Impossível encher-se um saco sem fundo... Temos de nos empenhar por criar condições de vida humana que resgatem o miserável da sua situação de inferioridade. A miséria insensibiliza o homem, rouba-lhe o amor ao trabalho, brutaliza-o, inibe-o de subir às alturas. Nada melhor que a reeducação no amor pelo trabalho, remunerado com justiça, para terminar esta situação degradante.

Ordins é como as outras terras. Há miséria. Tem-se procurado combatê-la. O problema é complexo. São tantos os casos...

Aquela mulher com 8 filhos e o marido no Brasil. Os filhos raquíticos. Ela com pouca saúde. Pede roupas à Conferência Vicentina. Pede em segredo. A fome, o frio e a vergonha.

Aquela mulher com 3 filhos e o marido também no Brasil. Doente. Incompreendida. Vai fiando lá de cabra. Trabalha para meter de fome.

Aquela mulher adúltera, abandonada do marido, ausente também no Brasil, libertou-se de fiadeira de lá de cabra: surgiram as hemoptises. A fome e a doença.

E aquela mãe de dois seminaristas com uma dívida de 200\$00 em roupas? Quase sem saúde para os conseguir, mesmo a esmolar.

E aquela mulher que precisa de um tratamento psiquiátrico e escasseia-lhe o dinheiro para as viagens?

Mas se fosse a desfiar, seria um nunca acabar com uma tal procissão de miséria. Quem se há-de admirar de o desânimo meter teatado?

Abandonar cada um à sua desdita? Conseguir subsídios para as necessidades? E, sempre que consumidos, solicitar outros?

Conseguir trabalho remunerado para esta pobre gente? Sim! Optei por esta terceira solução. Introduziu-se, então, em Ordins, a indústria caseira dos lenços (ou chales) lisos de lá. Suprimir o intermediário, para todo o lucro ser para a tecedeira—eis o ideal. Vai, pois, sair a grandiosa procissão dos lenços (ou chales) de Ordins. A Casa do Gaiato marcou já o seu lugar. Vai à frente com 6 deles. Fazer a vossa encomenda é defender-vos do frio e trazer pão em abundância a Ordins. Podereis vê-los na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, no Lar do Gaiato do Porto, no Lar do Gaiato de Coimbra, na Casa da Sagrada Família, em Penafiel, e aí confiar a vossa encomenda ou directamente para a Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins—Lagares. O preço e a apressação tentam. Duradouros. Quentes. Lá. Cores à escolha. Os maiores, pesando perto de 1.000 gramas—110\$00. Os intermediários, com cerca de 750 gramas—90\$00. Os pequenos, com cerca de 500 gramas—60\$00. Têm, agora, a palavra os 50.000 leitores do FAMOSO.

Tem sim senhor. Encomendem. Nós tomamos conta e damos conta. Tem esta nota lugar d'honra no «Famoso», para que seja cada vez mais famoso. Padre Aires não pede patente da sua descoberta; não, que ela é tão velha como o próprio homem. Come o pão com o suor do teu rosto. A morte da miséria é o trabalho.

UMA DATA

Tinha eu recomendado ao mestre de obras de seu nome Francisco Loureiro para começar na próxima segunda-feira com os caboucos da futura casa das Criaditas dos Pobres no Bairro D. António B. roso, Miragaia. Comece na próxima segunda-feira. Ao mesmo tempo, decidi interiormente abrir os caboucos no mesmo dia e à mesma hora, só o lugar é que não. Este seria no altar da capela da nossa aldeia: e foi. De véspera, noite fora, fiz a preparação remota. No dia próprio, quase a hora, faço a preparação próxima. Eu ardia. Os trabalhadores em Miragaia, eu em Paço de Sousa. O ajudante da missa entrega-me o missal! Abro. Era o dia catorze de Novembro. Qual não é o meu espanto quando dou com a festa de um bispo mártir! A Igreja chama festa ao dia em que os seus mártires morrem. Começo a ler. A oração diz assim: Senhor, dai à Vossa Igreja o espírito dos vossos mártires, a fim de que nós, movidos e fortificados por aquele mesmo espírito, tenhamos a coragem de arriscar a vida pelos irmãos. Ao ter escolhido este dia para início da obra, não me lembrei que era o dia da festa de mártires e guardei a coincidência...! Prosseguindo nas partes da missa, chego ao ofertório e leio: não há sinal de maior caridade, do que alguém dar a vida pelos seus. Se tivesse havido arranjo prévio entre mim e o mestre, não teríamos escolhido com maior acerto e nada foi escolhido! Maior o meu espanto. Maior a minha alegria. Finalmente chego ao fim e dou com estas palavras: eu sou o Bom Pastor, conheço as minhas ovelhas e dou a vida por elas.

Desejara dar aqui o que por carta nos dizem os Párcos, ainda quentes da entrega de casas. Nunca tão sacerdote. Isto é um sonho. Não posso descrever o que senti na hora da entrega. Eis um exemplo das interjeições. As descrições são outras fontes da mesma origem, porque uma só Verdade: trinta e cinco pessoas em 4 moradias. Como elas têm três quartos e cozinha-sala, segue-se que um destina-se aos filhos, outro às filhas e fica o dos pais para os pais. Os vicentinos tomaram conta. Todas estas famílias viviam em autênticos currais só com uma porta, compartimento único e sem janelas. Os novos moradores choravam de alegria. Acorreu muito povo. Toda a gente bendizia o Senhor.

Também eu quisera dar aqui uma luz do que me vai na alma, ao ler estas notícias de colegas meus, espalhados por Portugal além, também quisera. Assim como eles e eu, também os leitores. Por quê? Muito simples. A Igreja. Entregamos sem reservas à Igreja. Resultado: muito povo bendizia o Senhor.

Não é raro acontecer, ao visitar aglomerados, encontrar junto de filhos, pais tuberculosos. Deixo aqui recado aos vicentinos. Batam a porta dos sanatórios. Nas promotoras castanhas do «Património», diz mal a doença contagiosa. Outro recado a bem de todos: há dias passava por Vila Pouca da Beira e entrei. Eram ruínas de um antigo convento e hoje é uma colónia de crianças pobres, chamada Ar e Sol. Ao que ali me disseram, funcionou este verão e para o ano

Continuando a descrever este mundo de maravilhas, onde os homens de Fé vão buscar certezas, quero dizer que não há muito, ainda, as Criaditas estavam sem ninguém. As noviças eram raras. Havia na comunidade permanente inquietação. Era assim a vida delas. E eis que hoje o noviciado está munido e há postulantes à espera, de tal sorte que a Carolina, acaba de me pedir para começar com a Casa do Porto porquanto em Coimbra já não há casa que chegue! Por estes caminhos incógnitos e indecifráveis a's que não têm o hábito da oração, é meu desejo conduzir todos os leitores: conduzir o mundo inteiro para que vejam, sintam e acreditem. As Criaditas dão a vida pelos seus pobres São da Igreja. O selo branco da vinda delas para o Porto, está nisto de se haver escolhido inconscientemente o dia de um mártir para o lançamento da primeira pedra da sua residência.

Hoje a Cruz é nos Barredos. Uma pinha de raparigas deseja vivê-la em missão de vistantoras, na regra e companhia das Criaditas. São quase todas assistentes sociais. Muitas mandam para aqui as suas cartas e a gente remete ao destino. São revolucionárias. Querem algo mais do que arquivar a ficha. Outro espírito. Outra fome. Outra sede. Parecem ao dizer das cartas um nadinha subversiva, mas não. Sei que não! São insaciáveis. Querem amar. É preciso continuar nas obras da Igreja os feitos dos mártires que morrem de Amor pelos homens

tornar. Que bela situação! É verdadeiramente um reino de ar e de sol. Que lindo sítio para duzentos leitos, ocupados permanentemente por outros tantos doentes dos pulmões! E porque não?

Ao fazer desta, contamos 232 casas desde os primeiros dias do ano. Devemos chegar ao fim com mais de um quarto de milhão! Se o Governo da Nação quiser tem aqui os meios seguros de resolver o problema da habitação dos Indigentes, com o cheirinho de cinco contos por unidade. Digo dos Indigentes. Para outras construções, outros meios. É ver o que acima se diz do entusiasmo, quando as casas são entregues. Quanto mais delas se entregem, maior a vontade de entregar outras e assim por aí fora, até chegarmos à saturação. Assim o Governo queira.

O Padre Pedro da França, relata que, procurando e não tendo achado quem, foi na capela que recebeu uma parturiente

(Continua na última página)

Muito Importante

O Júlio recebeu aviso do Ministério da Educação Nacional para remeter quinhentos exemplares do nosso último livro «Viagens». Veio ao escritório comunicar-me o recado e acrescenta: Foi um despacho do Senhor Ministro. Logo me deu na cabeça pedir um e folhear a ver se descobria onde a página e os dizeres. Fosse outro qualquer Ministério, mas o da Educação Nacional! Que grande prémio!

Júlio saiu. Eu rumino momentos transbordantes. Passo as páginas do «Viagens» pela memória e encontro Cristo. A minha paixão do Crucificado. Foi ela que me levou a falar em todos os sítios, onde falei. É ela que transparece em todas as páginas do livro. Foi ela que provocou o despacho ministerial.

Não o Cristo transcendente. O inacessível. O das festas. Mas sim o Pregador das ovelhas, da farinha de trigo, das galinhas dos litros dos campos, dos passarinhos. O Cristo da nossa vida. A Vida. Foi Este que eu preguei. Este que escrevi. Este que o Ministro escolhe para educar a Nação. Mande 500 livros.

Senhor Ministro, V. Ex.^a tem Excelência. Fica a pedir a Deus que o deixe estar até vir o dia de despachar para as Escolas das Casas do Gaiato; rapazes da Casa do Gaiato. O primeiro está à bica. Enquanto militar, preparou-se e fez o quinto ano. Depois prepara-se para a admissão à normal. Mais uns meses e temo-lo na conta. Outros andam a preparar-se. Nas escolas, de todas as nossas casas, desejamos o gaiato a ensinar gaiatos. Se o «Viagens» vale, quanto mais eles, que são o ponto directo de uma paixão por Jesus Crucificado!

AQUI, LISBOA!

Por
PADRE ADRIANO

CALVÁRIO

TENHO hoje a honra de apresentar aos nossos estimados leitores, um simpático animal—o Jaquim maluco trazido pela mão dos nossos Amigos da Vacuum está conosco desde a primeira hora. Era um autêntico bicho do mato.

Como atrasado mental, há muito que deveria ter dado o lugar a outro, mas não: a malta não consente tal. É que, além da sua aprazível convivência, ele é um vaqueiro insubstituível. Jaquim e vacas formam uma só família.

Antes de se acabar a sêmea já o Jaquim está a clamar por mais; se os outros pretendem ir jogar a bola para a vacaria, aí vem ele correr tudo à vassourada; se a vaca tem cria, é o primeiro a trazer a notícia: vitela linda!

Sempre limpas, tratadas e gordas, as vacas pagam-lhe com a alegria dum cântaro de leite de manhã e outro à tarde, leite que ele vem trazer à cozinha, muito contente, para ser distribuído pelos batatas, pelos colegas e patifes, como ele diz.

Ontem veio com um pedido tão importante que não podemos deixar de transmitir aos nossos leitores. Jaquim sente o frio das vacas como se fora próprio, e então vem reclamar à cozinha: quer um cobertor, mas dos de pãoa, para cada uma das suas sete cabeças!

Fazemos nosso o pedido do Jaquim. Senhores da Vacuum, (melhor: da Mobiloil) vamos lá! Sete cobertores de papa não são muitos para o frio que vai por aí. Claro que não são para as vacas, mas para tantos pobres que sentem o frio dos filhos, muito mais que o Jaquim sente o das vacas. Exemplo: ontem mesmo, o mais pequeno dos vicentinos apresentou, na Conferência, a situação em que foi encontrar a família que visita. O chefe enlouqueceu e rasgou tudo quanto tinha em casa. Reduziu tudo a tiras. Restava um colchão. Pois foi dar com o homem a arrastar o colchão pelo quintal, atado a um arame, dizendo que andava a lavar, porque o tempo estava bom para semear os nabos. Uma filha paralítica e a pobre mãe que já não pode trabalhar, estavam desoladas. Depois de tentarmos internar o doente, é preciso refazer a casa, para que as pobres não morram de frio. Lençóis, toalhas, roupas para o corpo, tudo.

Passando do capítulo do peixe para o de dar, também aqui temos notícias, de interesse nacional.

Com o alvarão do inédito, entregamos no dia 23 a «Casa de Meus Pais». Veio da Ilha do Faial. O piedoso filho que a ofereceu, tinha feito o pedido de celebrarmos uma Missa nesse dia, mas na povoação onde foi construída a casa, não havia capela. Feitas várias diligências, conseguimos adaptar a única sala que há na povoação, a qual serve simultaneamente de taberna, casa de baile e de cinema. A missa foi atentamente seguida pela povoação em peso. Para a maioria era a primeira vez na vida. Já noutra ocasião ali celebramos e ministramos o Batismo a vinte e cinco adultos em cima de caixotes de pirolitos. Não fosse tão apertado o regulamento do Património, e havíamos de construir uma capela para esta rude mas sã e simples gente.

Entreque foi também a casa do «Casal Feliz». Para ocupá-la foi destacado outro casal feliz, por sinal bem provado pela tribulação.

Aguardando a data da inauguração encontram-se prontos: a Casa dos Emp. dos Correios da Rua da P. Almo, a Casa do Instituto Geográfico Ca-

dastral e a do Liceu Maria Amália. Em andamento, as Casas do Instituto Superior Técnico, bem como da Sagrada Família, da Saudade, de Jesus, Maria e José, etc.

Finalmente vamos ao verbo receber. Dos Produtos Lácteos, duas cotizações: uma de 196 e outra de 210, 72 da LOL de Fátima; 50 de Cocem, 70 do produto uns boiões; 200 de Algés, sacrificando as economias dum mês para assim chegar também para os Pobres das Curraleiras. Um receptor de rádio para a Casa de Setúbal, na Av. João XXI. Uma libra, no Montepio, utragando os almas da Tias, para duas telhas do Património. Para o mesmo fim mais 20; 100 dos Olivais; do Algarve 120 e 20. 170 de «Dois jovens uaisque» para quem desejamos e pedimos a ajuda que merecem. Assinaturas em dia. Outro rodio na Valentim de Carvalho, 200 de L. opoldville; três prestações da Casa Avilex a juntar às quatro antecedente; 3 265\$ no Banco de Angola, dos empregados do mesmo. Apesar da nossa oposição a conta foi aberta. O remédio agora é fazer a girar. Tem a lavra a Direcção e os felizes accionistas; 20 em Loure, mais vinte da netinha Tarré que Deus abençoe; 500 da Póvoa da Galga cumprindo uma promessa; 500 para suprágios; 1.000 por alma de Maria Tides os anos recadada na nossa igreja; 100 do Casal de Arroios; 681\$50 da última prestação para a «Casa dos Emp. d. C. Santos» 150 da Rua Luciano Cordeiro; 1 130 dos Emp. da Mobiloil Portuguesa; Pão da rua Buenos Aires; 50 lembrando o dia 29; 20 de Caneças pelo começo dum novo Lar que Deus abençoe; 20 dum velhinha em a. g. ao P. Cruz; 150 duma senhora dos Correios e mais 50; 20 de Alquequer em carta inendária para os pobres orfãos da quinta da Argolinha. Um sobretudo no Montepio, acompanhado dum carta de luto que Deus olive. Castanhas, melões e peixe da progressiva Sociedade Exportadora do Tojal. Pão por Deus, de Bueias e o tradicional almoço em A das Lebres, tudo a comprovar a crescente simpatia dos nossos vicinhos; 25 de algures; várias notas aos vendedores das Igrejas, calçado e roupas nos mesmos locais, bem como no Montepio. Caixa-linha para mais uma casa do Património, de Monte Redondo. Sacas de medicamentos e mais ajuda de muitos amigos que só Deus conhece.

COBRANÇA

Os títulos andam no caminho de onde se tem verificado que de cada cem homens, há quarenta que sim e sessenta que não. Quando a consciência não bate os homens não cumprem e se não rebatem temos a mortandade dos vivos. É o caso.

Avelino, Carlos Inácio e Joaquim Bontácio têm estado e continuam a trabalhar na expedição dos recibos. É um trabalho. Nós acreditamos e queremos ser uma indústria caseira, sem intromissões de terceiros. O fundo deste número, traz um artigo estúpido sobre os meios eficazes de combater a miséria. É o trabalho caseiro, certo e bem remunerado. Nós tudo fazemos para isso, mas de cada cem homens há quarenta que sim e sessenta que não.

Como diz o cronista Daniel, acabamos de obter nova máquina no intuito de aperfeiçoar o jornal e garantir diplomas ao rapaz de boa vontade. Foi, até, na mira da cobrança que demos um passo à frente e arriscamos algumas centenas de contos. Mas de entre cem, ele há quarenta que sim e sessenta deles que não. Que fazer? Continuar. Mais nada.

Está aberta a inscrição. Vamos começar a obra. O mais importante apareceu e em grande abundância: água. A primeira pedra vem de Figueira de Castelo Rodrigo trazida por uma professora lecionista amiga dos pobres. Diz ela:

«Aquele «Calvário» a que se refere no seu Gaiato andam-me no coração porque sinto muito a tristeza de quem é velho e sem conforto nem carinho.

Por isso resolvi enviar para uma pedra do «Calvário» a quantia de quinhentos escudos que recebi de gratificação por ter leccionado uma adulta em regime de Companhia.»

Mais 200\$. Mais 100\$. Mais 60\$ de uma mãe de Gondomar. Outra pedra mui interessante é da Maria Elvira do Porto que envia um bocadinho de linho e diz:

«Eu preciso de ter junto dessa obra qualquer coisa, embora muito pequenina que me tenha custado algum sacrifício.»

Esta lição é formidável. É uma grande responsabilidade para todos quantos vierem a tomar conhecimento dela. Mais 50\$ do Porto. Mais uma peça de trinta metros de linho. Mais para a capela uma

cruz gótica de metal amarelo, uma banquetta d'aquele tempo e i'entico metal, um cálice que tem séculos e parece que não presta para nada, de velho que é e mais coisas que havemos de anunciar à maneira que fomos recebendo. A capela é velha com quanto andem pedreiros a trabalhar nela. A pedra, o estilo, as telhas, as janelas, as abobadas, os arcos. Até o soalho é feito de tábuas velhas de castanho. Ela é um protesto à tendência modernista. O que falta são algumas colchas velhas de damasco para fabricar paramentos. Disso é que ainda não temos luz, mas virá a seu tempo.

Mais riquezas. Ora queiram tomar conhecimento. São do Porto:

«Por este correio envio uma cama de roupa de linho recordação de minha santa Mãe que o fiou e bordou. É este o seu maior valor. Por tal motivo me atrevi a mandá-lo.»

O hospital escolar desta cidade, anda em construção. O de Lisboa já se encontra construído; colossos! Quem fiou para lá? Quem teceu? Quem bordou? Quem ama? Vamos ter muito que dizer e ouvir na coluna de O Gaiato. O mundo necessita de tal linguagem. Precisamos de um periódico de inspiração celeste.

NOTA DA QUINZENA

Quando da nossa visita ao Alentejo, ao passar pela vila de Reguengos, foi nos pedido que fossemos ver a Cantina e colar, e eu disse que não. Nova insistência e eu resisti. No dia seguinte, à hora de largar, mais um apertado. Fui. Quanto teria perdido, se o não tivesse feito!

As escolas são um nadinha retiradas do centro, num recinto de arvoredo com ruas ajardinadas. Ao meio está o edifício da Cantina. Logo à entrada sente-se a beleza das coisas no seu lugar. Cozinha, copa, refeitório ajeitadas e cheiram a abundância. São 9 horas. Crianças servem a crianças taças de leite quente. Ao meio dia tornam a comer na mesma ordem e isto todos os dias.

Ao que apurei naqueles momentos, tudo isto é obra dos professores e de uma senhora com seu marido que propuseram dar-se sem medida nem recompensa dos habitantes da terra, para que a mercê seja inteiramente de Deus.

Tinha visto, sentido e gozado. Mesmo à horinha e já com Avelino ao volante, uma professora tomava-me por um braço—venha ver o menor. Em uma dependência da casa existe o depósito de artigos escolares. Dentro de um armário aberto estão as coisas com seus preços borrachas, canetas, cadernos, tudo. O rapaz da escola vai, escolhe, deixa o dinheiro e retira-se. Ninguém a servir, apenas esta lembrança, em letras gordas—Deus vê tudo. Sim. Valeu a pena ter ido. Vi o melhor.

Por muitos títulos temos de apreciar esta obra eminentemente educativa. Em primeiro lugar a idade—rapazes da escola. Segundo lugar o jardim, as flores, o ar, muita luz. Depois a taça de leite quente e muito doçinho. Vem ainda o bafo dos professores e a caridade

de quem ali põe a mesa. E por último o melhor: Deus vê tudo.

Tive semos isto sem aquilo, era o medo. Era temendo que o rapaz procedia. Mas como tudo ali está no seu lugar, é amando que o faz.

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA
da nossa aldeia

Ao abrir da coluna temos o assinante 18.907, do Porto, a pedir que a quantia de 30\$ remanescente do pagamento do jornal fosse entregue na Conferência e ali rezado um Pai-Nosso por alma de Beatriz da Silva. José Miranda Junior, 20\$. D. Amélia Tavares Sousa, da Murtosa, 50\$. A mesma quantia de uma vicentina de Perosinho—Gaia. Dr. Manuel B. Martins, de Lisboa, 200\$. Agora temos os costumados 40\$ para o leite dum doente da Conferência. Quem será? Um anónimo. Tem sido assim: um envelope, dentro o dinheiro, por fora a legenda. Que legenda! Mais o assinante 11.961: o excedente da assinatura, 20\$, destina-se aos pobres da Conferência. Pela ordem de recepção, chegou a vez a um simpático assinante do Porto com 30\$ e que no começo da carta nos qualifica de Gaiatos Revolucionários. Que título! Revolucionários do Bem! Mais adiante afirma: Já estou na Universidade e ainda há pouco jogava a bola com o Zé Eduardo... Atenção Quelimanel Dr. Herlander Freitas. Aqui estamos a acusar recepção dos 30\$. Obrigado. Quando puder não esqueça os nossos pobres. Temos na frente uma carta de Cacia: viveiro de amigos da Casa do Gaiato: Um grupo de desportistas da «Celulose» envia para a Conferência 22\$50. Manuel Teixeira, Tijuca, Rio de Janeiro, 50\$ e mais 20\$ de Adília Martins também por terras de Santa Cruz. Esmeralda Barbosa, da Senhora da Hora, 20\$. Pedimos a Deus melhoras para o seu filho. Ao fechar do canunho registamos 20\$ do assinante 29.198 de Aguiar, Gondomar. A todos, como habitualmente, os melhores agradecimentos.

= A G O R A = PELAS CASAS DO GAIATO

Logo a abrir vai a conhecida mãe do Zé António. Tenho justos receios que ela vinha a trocar a obrigação pela devoção porquanto em vez de estar em casa a tratar do filho, anda sempre aqui metida! Vai a seguir o Alberto de Gaia com a décima prestação de 100\$00; outro teimosinho. De Paços de Brandão vai uma telha de 20\$. Esteve aqui um visitante e entregou quatro contos em seu nome e sua mulher, que vem a ser a segunda prestação. Deixem passar um Licenciado com 100\$00. Muita atenção a uma professora primária que deliberou ir com 500\$, prêmio que recebi pelo primeiro adulto que levei a exame. Ela pede que este dinheiro se destine à Casa do Professorado Primário. Não me parece que venham muitas pedras assim. É preciso amar para se chegar às alturas de uma tal renúncia! Estes caminhos não são dados a toda a gente. A vulgaridade não passa por aqui. O professor Tavares de Proença-a-Nova vem aqui muitas vezes com 500\$. Cá vai ele. Diz muito bem ao pé da sua colega. São ambos discípulos de Jesus. Queiram fazer o favor de se arrumar; vai passar uma bandeira. Ora leiam:

«Sou pároco da povoação de Vale da Porca, na Diocese de Bragança. Depois de um ano e depois de ter observado o ambiente paroquial, encontrei uma chaga profunda; grande número de filhos ilegítimos, consequência de um baixo nível de vida moral.

Procurei investigar as causas da imoralidade e os motivos que afastam os muitos rapazes, já de bastante idade, da minha freguesia, do Matrimónio; abordei mesmo alguns que têm já um e dois filhos e pus-lhe o problema do casamento. A resposta era invariável: "Senhor Padre arranje-me uma casa".

A falta de habitação, eis a causa principal de este estado de coisas, que fez nascer na minha mente a ideia da construção de algumas casas para pobres. Não poderá V. Senhor P.º Américo ajudar-me com algum subsídio incorporando-as, caso venha a construir, no «Património dos Pobres».

Peço por favor uma resposta e ao mesmo tempo me informe de qual o caminho a seguir para a construção, quais as condições e a que as habitações devem satisfazer, e as condições a que as mesmas ficam sujeitas depois de construídas por parte dos que as venham habitar.

Por caridade peço o favor de uma resposta, o mais depressa que lhe seja possível, e podendo ser o auxílio a favor dos meus pobres.»

Eu fui o primeiro a ler e respondi que a palavra é do Senhor Bispo de Bragança. Gosto muito dos párocos que se afligem com a vida e necessidades dos seus paroquianos.

Vai a Maria do Porto com 300\$. Mais 150\$. Sim senhor a prestação de Julho da Casa Diniz, Beira, foi recebida. Não teubas medo. Deus encaminha. Mais 50\$ de Moçambique de um verificador da Alfândega. Mais 50\$ de Lisboa. Mais o Ni e Garcia com duas pedras na mão; são do Porto. Mais a mensalidade de quatro irmãos também do Porto e 200\$. O do tabaco torna com 20\$. Vai aqui uma Licenciada com 40\$. Mais 360\$. O Pessôal da Hidro-Eléctrica do Cávado depositou no Banco o dinheiro de Novembro 1.839\$50. Mais 2 contos por conta. Mais outro tanto. Assina-se pobre pecador, e diz assim:

«Dar uma Casa! O que há meia dúzia de anos era uma utopia neste País, é hoje uma expêndida realidade.

A casa é o princípio da vida e da morte, o local das boas e das más horas, da meditação e do trabalho fecundo, das alegrias e das agruras da vida, onde se recebem os amigos na ausência dos inimigos. «Como não amá-la com veneração?»

Há 2 anos comeci a minha casa do «Património dos Pobres». A construção tem sido lenta e difícil mas graças a Deus já está adiantada, aos seis contos já enviados junto agora mais 2, esperando concluí-la em 1956.

Tenho pressa, mesmo muita pressa de acabá-la... para gozar o prazer de iniciar a construção de mais outra.

Desejo que a esta minha primeira Casa do Património seja dado o nome de «Casa de S. Sebastião» agradecendo o favor de me indicar no Gaiato o local da construção.»

Mais 50\$ da Urbana, uma Licenciada para a casa dos Licenciados. Eu cá tenho dito sempre e ainda digo: não teremos Casa do Licenciado. Não teremos porque quando ela chegar já não é precisa. Alda de Tete vai aqui com mais uma prestação de 100\$. Não está longe do fim. Deixem passar esta simples proressora da alenteja que promete 50\$00 mensais. É do Funchal e chama-se Maria. Por Maria, ocorre-me neste momento uma carta inflamada que há muito aqui recebemos, na qual Uma Maria vinha a dizer com antecipada certeza, que as Marias de Portugal iam-se juntar todas e acabar com as barracas. Isto disseram mas não fizeram; nem fazem. Recebemos aquela carta e não recebemos mais nada. Eis aqui o António e o Fernando e o Álvaro e o Fausto e a Maria Júlia e a Maria Tereza, que todos cabem debaixo de um cesto, de pequenos. São da Cova da Iria. Levam a segunda prestação. Mais outra e temos a dúzia.



TRIBUNA DE COIMBRA

Os Pobres para serem a nossa coroa de glória, hão-de ser nos primeiros a coroa de espinhos. Ninguém que venha a este mundo alcança a segunda sem ter pegado na primeira. Foi assim com o Mestre e tem de o ser com os discípulos.

Andamos em tribulações com uma família habitante de uma das casas do Património. Quando da escolha para a nova habitação várias foram indicadas e foi aquela a contemplada. Fomos testemunhas. Era o vão do fundo de uma escada de um prédio de três andares. A um canto uma pequena camas roupas dependuradas por cima dela e ao lado uma mesinha com um fogareiro em cima e por debaixo da cama um colchão. Ali viviam a mãe com uma filha solteira e outra casada e abandonada pelo marido com quatro filhinhos e um filho casado e sua respectiva mulher e um filhinho. Esperavam que todos os inquilinos entrassem e depois encontravam-se à porta e assim passavam...

Dada aquela situação tão emergente a Conferência Vicentina escolheu esta família. No dia da entrega da chave o Sr. Prior falou-lhes nos deveres de cada um e resceu-se pela paz da família. Até aqui tudo muito bem e muito certo, mas há pouco tempo saíram-se mãe e filha casada. Ela é uma rapariga ainda nova e cheia de vida e actualmente sem marido. A mãe é já idosa e tem de labutar muito para os ajudar e governar. E casa aonde não há pão! Até chegaram a insultar as senhoras da Conferência e as senhoras andam desanimadas e querem abandonar. Ora nós achamos que não. Temos que ver por detrás do Pobre e muito para além da presença do nosso Bom Deus. É a Ele primariamente a quem nós amamos. Vamos até onde pudermos. Nós é que temos de nos aflegir. O Pobre muitas vezes não compreende e não nos

PAÇO DE SOUSA No passado domingo 13 o nosso grupo de futebol defrontou o Maternidade Atlético Club, do Porto, aos quais infligimos a pesada derrota de 7-1. Bom desafio de futebol. No primeiro tempo ainda o nosso adversário se aguentou, mas nos últimos 45 minutos, exercemos domínio territorial, pois veio ao de cima a nossa melhor preparação física.

O nosso grupo está com um padrão de jogo muito razoável.

Alinhámos:—Pastelão, Quim e Presidente; Nicolau Augusto e Domingos; Cerqueira, Abel, Daniel, Rui e Banana. Agradecemos a visita destes nossos amigos, que mostraram ser muito correctos. Os nossos melhores: Abel, Augusto e Banana.

—Já ouvi dizer pra que temos jogamos a Armamar, com o grupo local. Oxalá que seja verdade, pois mortinho, por passarem estamos nós! Também não esfreguemos as mãos antes do tempo senão podemos acontecer alguma e lá se vai...

A máfia foi também ao S. Martinho a Penafiel. Foram duas camionetas a esbordar com os grades, médios, baratas, todos. No meio o Senhor Padre Carlos. Anfou tudo animado: carroceiros, aviões, automóveis, tartarugas, doces e castanhas! Tudo correu bem. Não houve desastros. Tudo bem. Já conheço nunca há azar. Os pequeninos foram os que mais gostaram: Américo, Salta Poças, Figueira, Adriano e todos os mais... Mal se chegaram, começaram logo com os projectos para o futuro S. Martinho... O pior é se ele não chegar!

—Em Beira, Paredes, vai começar a funcionar o Galvário. É por incuráveis e para os mesmos. É para

aqueles que são dados como incuráveis. Vai lhes ser dado o seu lugar. Os mortos ressuscitam! O Pal Américo vai para lá. A Senhora da e zinha também. Vão os rapazes necessários para cultivar a quinta, que lhes vai dar o pão, a fruta e o leite, que é o mesmo que conviã-los a subir até mais alto!

—Estiveram em Paço de Sousa, os Funcionários do Comand. Distrital da Legião Portuguesa, que vieram fazer uma sessão de propaganda da Defesa Civil do Território. Alguns dos nossos também se inscreveram, nesta benéfica organização, da qual só temos a beneficiar.

—As Oficinas Gráficas, dirigidas pelo Júlio Mendes, vão ser enriquecidas com uma máquina de compor. Ninguém atura os tipógrafos. A alegria é grande! Vão aumentar os seus conhecimentos. O aspecto gráfico do Melhor do Mundo vai sofrer uma grande transformação para maior e contatamento nosso e dos nossos muitos milhares de leitores. Volto a informar que a nossa viagem é de quarenta e tal mil. Isto é progredir sempre. Entra em casa de todas as famílias católicas, para que estas fortifiquem a sua fé; não católicas para que se convertam. Venham para o verdadeiro caminho. Que entre em todas as cadeias, frites, ras, escolas, nos gabnetes do Governo nas bibliotecas. Isto é, pugnar por uma sociedade melhor, mais pura, honesta, numa palavra: mais forte. Difundir a Doutrina de Cristo para que haja paz no mundo e nas almas. O Gaiato é o fiel pregoeiro do Evangelho. Tenho a firme convicção de daqui por algum tempo estas aspirações serão tornadas realidade. É preciso fazer os liceiros b-m fundos para a construção ser sólida. Vamos devagar, na certeza de que caminhamos depressa.

É natural a alegria dos compositores, dos impressores, encadernadores, escriptorios da tipografia, administração, onde milhares de fichas e chapas dão saída e entrada; lugar onde os nossos amigos e visitantes se vão de obrigar.

Maior ainda a nossa alegria por sabermos que vamos atender a todas as exigências da nossa numerosa clientela, com rapidez e perfeição.

—Os nossos melhores agradecimentos ao Ex.º Sr. Dr. Vila Real que nos trouxe pessoalmente uma grande caixa com muitos medicamentos que nos vão ser muito úteis. Tivemos pena de não falarmos com este particular amigo, mas tínhamos saído naquele dia. Para outra vez será!

DANIFI BORGES DA SILVA

LAR DE LISBOA Cá vimos mais uma vez, amigos e caros leitores, falar nas colunas do «Fumoso». Como de costume vamos pedir e também agradecer tudo aquilo que os nossos leitores nos dão.

Estamos, como devem calcular, a estudar e o Sr. Director da Escola Comercial de Patrício Prazeres tem sido dum gentileza tal para conosco que mandou empréstimo-nos os livros adoptados para nos poupar despesas.

Foi dum conversa entre o Sr. Director e o Sr. Padre Adriano, que veio este empréstimo de livros quando da inauguração da Casa do Gaiato de Setúbal (Algeruz). Pedimos aos nossos caros leitores para que se não esqueçam desta nossa Casa em Setúbal, pois está ainda em princípio e necessita muitíssimo da vossa ajuda. Só os nossos leitores é que podem manter as nossas casas de pé, pois nós vivemos daquilo que nos dão.

Nós também lá estivemos e temos que agradecer, em nome de todos os colegas, ao Chefe e à Senhora o bom e amável acolhimento que tivemos.

—No dia 1 (feriado) fomos para o Tojal. Depois da missa, combinamos com o Natalino, capitão da equipa do Tojal, um grande desafio que principiou às 11 horas em ponto. Pelo Tojal alinharam os do costume; pelo nosso Lar alinharam todos que são: Edgar (Caparica) —Castilho (Gandi)—Carlos Nery (Zé da Póvoa) —Justino (Corre-Mundo)—Luís —Manuel Jorge (Barreiro)—Ferdinando (Chino)—Nunes (Setúbal)—Cascais—João Manuel e Luís (Botelhas). No 1.º tempo 0 a 0. Depois do intervalo com um grande passe, o Tojal marca a primeira bola logo correspondido com um magnífico chute que empatou o desafio até ao fim.

Depois com o apetite bem apurado fomos até à Casa do Sr. Pinheiro em A-das-Lebres que nos ofereceu um esplêndido almoço que devoramos num instante.

—Aqui vêm os pedidos. Se os nossos leitores por aí tiverem alguns sobretudos e algumas pastas que nos queiram ceder desde já lhes ficamos muito gratos. O inverno já começou a mostrar a força com que vem e então de noite nem falar nisso. As pastas são para os livros se não estragarem pois são emprestados.

Conferência—Já há muito tempo que não damos a conhecer aos leitores o que fazemos.

Continuamos muito pobres pois temos que dar a pessoas muito pobres.

Pedimos para que nos mandem roupa ou quaisquer outras coisas para os nossos irmãos mais desprotegidos pois como todos sabem o frio chega a toda a parte. Temos duas pobres que têm muitos filhos, uma com 12 e a outra é a do Capelão que tem também uma imensidade deles. Quem tem e governa casa sabe muito bem as dificuldades porque se passa para comprar qualquer trapo. É a essas pessoas que nós pedimos auxílio pois elas podem bem avaliar o que significa nestas ocasiões

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Antes de mais nada e porque não temos espaço para dizer tudo de tudo, devemos informar que os dinheiros e as coisas depositadas no 54 dos Clérigos e no Lar do Porto vêm todas dar aqui a tempo e muito direitinhas. Da mesma sorte as encomendas postais tanto do Continente como das Províncias Ultramarinas e de portugueses residentes na América do Norte. Sacos de castanhas de Viseu e de Trás-os-Montes. Mais de Guimarães 200\$ de alguém que os deixou para esta obra à hora da morte. Na capela da aldeia, ainda que me não pedissem, celebrei por sua alma. Sei quanto esta senhora sofreu em vida. Era médica. Mais 1.000\$ de Viseu. Mais 100\$ da Beira do Sidónio. Sim. Se Moncorvo aptar eu respondo. Mais outro tanto de Nampula. Mais 600\$ de uma data de vicentinos da Escola de Farmácia que vieram em duas camionetas, jogaram a bola, assaram castanhas e foram se embora. Mais 150\$ do meu primeiro ordenado. Mais 20\$ de Obidos. Mais 500\$ da Póvoa da Galega. Mais 50\$ da Amadora. Mais 300\$ de a mãe pelo aumento de ordenado do meu marido. Que grande devoção! Aqueles 50\$ para a viúva do verdadeiro sentido de Bem Fazer e 2\$ para as Criaditas dos Pobres aparecem aqui todos os meses e isto há três anos. Assina-se *Uma Petição*. Aqueles 50\$ para a viúva de oito filhos, tan bém não têm falbado. Aqueles 50\$ para a pobre do casal de R. D. de Lisboa também. Isto é que é persistencial. Mais 300\$ de Nampula. Mais 100\$ de um estudante. Mais 50\$ de Lisboa da travessa do Conde de Ribeira. Outro tanto de a professora e mãe. Outro tanto do assinante 15033. Um cheque de 1.000\$ de Aveiro. Mais 100\$ de transfusão de sangue da Beira. Mais 500\$ de Lourenço Marques. Não há mar. Não há cores. Política. Distâncias. Clima. Nada impede. Todos os dias à mesma hora o carteiro deixa ficar notícias daquelas paragens sobre a nossa mesa de trabalho. Isto significa que o homem não é só matéria como afirmam os materialistas. Mais 200\$ de Coimbra. Mais 50\$ de Luanda; conto peder ter a satisfação de o fazer todos os meses. Mais negação da matéria. Se o homem fosse feito só dela, onde as aspirações? Mais 100\$ de um vicentino. Mais 360\$ do Porto de alguém que tinha esta importância reservada para a nossa obra e com esse desejo se finiu. Mais 150\$ do Porto. Mais 200\$ de alguém que se despede de Portugal. Mais 1000\$. Mais 150\$ do pároco de Mogadouro. Mais 500\$ de Lisboa. Assinante 23940 está tudo muito certo. Mais 50\$ da Maria Vitória. Mais 150\$ de Lisboa. Mais 50\$ de Nampula. Mais 1.000\$ de Lourenço Marques, Caixa Postal 466. Mais 66\$ de Lisboa do meu irmão de duas Marias. Mais 670\$40 referentes ao primeiro mês da minha aposentação. Deu tudo. Talvez lhe tivesse feito falta. Que grande conceito da Casa do Gaiato! Oxalá ela vá crescendo e lançando cada vez mais raízes, por muito longe, no coração de todos os homens! E mais nada.

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Como aqui foi dito, chegou o dia de aceitar o almoço em casa da família do António Teles, hoje sobre as águas do mar, a caminho da Zambézia. António Teles casou-se com uma Menina pobre. Muito pobre. A casa onde ela habitava é uma das do antigo Porto, com seu quintal, poço, sarilho e balne. As horas estávamos. Primos, sobrinhos, cunhados, tudo gente



Um pequeno resinheiro do Lar de Alcedor, em plena actividade. Está a raspar.

do mesmo sangue. Eu não era ali um estranho; se não do mesmo, dou do meu sangue por estas classes. O Teles era ali o primeiro. Não sei nem suponho possível medir-se a extensão e profundidade da alegria mútua; se ele por me ter lá, se eu por ter ido. O almoço foi uma coisa muito equilibrada. Na família há um cozinheiro profissional e naquela hora foi cozinheiro. Um primo do António é operário. Todos os presentes o eram, de uma maneira ou de outra; tanto assim, que a festa houve de ser a um domingo, que nenhum dos presentes poderia suportar a perda de um dia de trabalho. Todos desejavam que o dia fosse para a romaria, — e foi. Pois o primo do Teles, à hora da despedida, quis oferecer uma nota de 500\$00 para os pobres! No próximo domingo, tem lugar o almoço em casa do Zé da Lenha. Depois direi de como as coisas se passaram. Estas são as nossas notícias.

*** Zé Eduardo, como todos sabem, é um quinto ano do Liceu e encontra-se actualmente a trabalhar numa importantíssima Casa Bancária do Porto. Temos andado os dois em séria disputa porquanto ele pretende casar-se. Eu respondo que sim mas por enquanto não e é precisamente neste sim e não que nós pegamos. A última foi aqui em casa. Foi mesmo uma coisa muito séria. O rapaz força a nota. Põe as suas razões. Como estudou em Coimbra, usa palavras altas; e um imponderável. Já tenho ouvido disto a outros apressados. Ora muito bem. Zé sai daqui com o imponderável nos lábios, chega ao Lar do Porto e daí a dois dias malha no leito de um sanatório! Tem de ficar ali um mês e depois vem estar na aldeia o tempo que for preciso. Na minha primeira visita, encontrei-o perfeitamente conformado. Graças a Deus. É meia cura. Apenas me pôs a interrogação: *para que foi isto?* E

eu respondi: tens alguns meses à tua frente. Escuta e virás a compreender. O Imponderável

*** Ontem houve na cozinha uma bulha quase a passar das marcas. Eram os três cozinheiros em cima do Abel. São os cães. Este trata deles e para que nada lhes falte, vai à cozinha e antes dos cozinheiros começarem a servir as mesas, serve ele, Abel os seus dois cães. Tinha já dois pratos feitos sobre o fogão, quando a bulha começou. Hoje de manhã à hora da primeira refeição quente, noto o dito Abel de prato na mão, a recolher as sobras da mesa, para fazer os pratos dos seus dois cães. Aos olhos dos insensatos, o Abel perdeu a questão. Ganharam os cozinheiros. E não é assim. Não é nada assim. Abel ganhou. Porque? Porque soube perder. Gosto muito de quem vence perdendo. É mesmo assim que todos devem proceder.

Já antes o fazia, mas desde agora mais quero ao Abel. Ele é dos alfaiates. É ele quem hoje corta. O mestre deles já há muito que não seria preciso aqui em casa, pois que tem ensinado o corte a vários rapazes. Aqui temos um que também sabe perder. Ele é tão difícil encontrar-se *Um Homem*, que o mestre do Abel é hoje um indispensável na Casa do Gaiato.

*** Mais um assalto noturno à Casa do Gaiato, por gaiatos. Com este, contamos quatro saltadores, mas os senhores não devem alarmar-se com o caso. Tendo compulsado agora mesmo o livro de entradas, noto que estão registadas 432 delas, desde que a casa de Paço do Sousa abriu. Ora deste género, são quatro. O primeiro, que foi dos primeiros, anda pelas prisões. Um outro, fomos há dias a tribunal pedir para ele pena suspensa e o Juiz atendeu. O terceiro anda à revelia. Este último, que é o quarto, não deve fugir às malhas da Polícia. Da nossa parte fomos ontem ao Porto comprar um relógio de guardas noturnos que nos custou 1.600\$00 e dora avante temos um homem a rondar. E mais nada. Que ninguém pare que nós também não. Os homens são assim. São por natureza indecifráveis. Se amanhã aparecesse no mundo um homem a definir o homem teríamos um sábio no mundo.

Pelas Casas do Gaiato

Continuação da terceira página

uma camisola, um cobertor ou qualquer outra coisa que nos dão para defender do frio. Cá ficamos à espera, no nosso Lar (Rua Capitão Renato Baptista —70—1.º Lisboa) o que entenderem dar para nós podemos distribuir e acreditem que Deus multiplicará em graças tudo aquilo que derem em Seu nome, pois é no d'Ele que pedimos.

Agradecemos a todos aqueles que se têm interessado pela nossa Conferência, aos nossos subscritores em primeiro lugar e depois a todos aqueles que de qualquer maneira têm marcado presença na nossa cruzada.

A todos muito obrigado e que Nosso Senhor os proteja.

João de Jesus Castilho

Uma digressão

Como quer que o pároco de S. Jacinto ande muito interessado em construir casas do Património, não me largou enquanto ali não fui. Avelino ao volante, os dois irmãos de Tomar, o Morris e eu. Chegamos à Base às 2 horas da tarde. Comandante quis aparecer e enquanto subiamos para um Jeep ouvi — quem me tratou a quinta. Quinta? — disse eu com os meus botões. Quanto numa Base Aérea? O Jeep desliza por entre um bosque cortado e recortado de ruas; a messe dos oficiais, a casa do soldado, campos de jogos, quartéis, oficinas, residências, a administração, abrigos. Quinta? Sim. Não tardou que o Jeep parasse. Eram os estábulos, poços, o redil. Viskas leiteiras. Esta dá 50 litros. Havia outros de menos. Todas dão pelo nome e vêm à mão do gente. Que úberes! Que riqueza! Logo ao pé campos de sementeira. Sobre as paredes do estábulo há rimas de produtos agrícolas. As golinhas ali são peris de grandes! Muitos patos. Um cão de guarda. Outros mais pequeninos. O Comandante falava de tudo com entusiasmo e muita paixão. Eu ouvia tudo com entusiasmo e muita paixão. Esta dá 30 litros. Tão linda! Tão bem feita! Tão próspera! Milhões na Índia adoram a vaca!

Cuidava eu que estava tudo visto, — mas não. O redil. Um rebanho de quase duas centenas, entre o qual dúzias de cordeirinhos inocentes! As mães são estampas. Elas lá, elas carne, elas leite. Vias sair do curral numa linha muito extensa, só lhe faltando a preira para o quadro dos pintores de rebanhos.

O Jeep continua. Comandante não se consa. Entramos na pista onde as ovelhas relvam. A quinta!

O mar fica a dois passos. Ouve-se o marulhar. Olbe a lagr. É a piscina da Base, que serve Oficiais e Praças, cada grupo em seu lugar; e fornece peixe mais por desporto do que alimento. Prosseguimos na orla da pista. Ao longe ovelhas à vista. Mais longe, a visão das vacas. Um nodinho antes, tinha visto no céu uma risca negra; eram patos. Ali mesmo, à nossa beira, um mundo de passarinhos usados na relva, tão dados e tão afeitos que não fugiam! Era a paz.

Um sendo horas de regressar. O carro pára. Comandante diz — vamos ver a obra dos homens. Avião. Armas do ar. Fechei os olhos. Não vi. Quando lá tornar conto ir aos Estaleiros onde temos a passar de cem assinantes. Enquanto não, deixamos aqui as saudades que de lá trouxemos.

Património dos Pobres

Continuação da página primeira

aflita. Retirou o altar e instalou-a. Comenta o mesmo sacerdote que o próprio Deus fez o que os homens não quiseram e que, desde aquela hora, tem compreendido melhor as maravilhas da sua Obra.

É quase uma blasfémia. Com certeza uma profanação. Parece-nos sim, mas na verdade, só com estes escândalos podemos reformar. Quantas vezes nos não tem vindo à cabeça a ideia de que seria mais avisado receber de momento a Parturiente aflita e celebrar em telheiros os actos de culto, até a hora própria de começar a igreja, — quantas vezes. Sic Deus dilexit mundum. Sim, é por amor dos homens que Deus ama os homens.

É em espírito que nós adoramos. Espírito de justiça e de verdade. O povo daquela aldeia a ouvir Missa no telheiro até que as mães tenham onde dar filhos à luz — oh devoção! E a seguir, ouvir missa na sua igreja, sentindo que tudo está em seu lugar — oh Justiça! Assim se adora a Deus. De outra forma não.